

3 - OS ESTUDOS DE ROBERT NYE SOBRE A SEXUALIDADE

*Luis Filipe Bantim de Assumpção*¹⁵⁰

Com a ampliação dos temas de análise historiográfica, notamos que os estudos sobre a sexualidade se desenvolveram exponencialmente. Dentre os diversos autores que pesquisam as práticas sexuais, podemos ressaltar os estudos de Robert Nye. Sendo assim almejamos pontuar, em linhas gerais, os principais elementos debatidos pelo referido intelectual, no artigo “*Sexuality*”, publicado na obra “*A Companion to Gender History*”.

Robert Nye é historiador, e leciona a disciplina denominada de História Intelectual Européia, na Oregon State University. No ano de 2007, Nye recebeu o título de Professor Emérito da cadeira de História e Humanidades. Atualmente, o referido autor desenvolve pesquisas que se enfocam nos seguintes eixos temáticos: história comparativa das profissões e instâncias da cultura masculina, com ênfase especial para medicina; e as modificações do discurso histórico sobre sexo e gênero. Todavia, nos cabe pontuar que as principais publicações de Nye se vinculam a vertente de História Política, algo que iremos discutir ao longo dessa produção¹⁵¹. Interagindo com os pensamentos do pesquisador Robert Nye, identificamos que uma de suas propostas centrais seria de que o historiador compreendesse parte dos fatores que possibilitaram que a sexualidade viesse a se tornar um dos principais objetos de pesquisa no campo historiográfico. A partir de tais afirmações, notamos que o seu texto se direciona para um público acadêmico.

¹⁵⁰ O Prof. Luis Filipe Bantim de Assumpção é pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade, sendo orientado pela Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido. O referido pesquisador integra a linha de pesquisa, no CNPq, intitulada: “*Discursos, Narrativas e Representação*”. E-mail: lbantim@yahoo.com.br

¹⁵¹ Tivemos acesso a essas informações sobre o historiador Robert Nye através da página virtual da Universidade, cujo referido autor leciona na cadeira de História Intelectual Européia: <http://oregonstate.edu/cla/history/robert-nye>

Contudo, devido à relação intrínseca existente entre a História da Sexualidade e a História de Gênero, iremos apresentar um breve panorama do desenvolvimento dos estudos sobre o gênero histórico, para que possamos interagir com a pesquisa do Prof. Nye. Ao dialogarmos com os apontamentos das historiadoras Teresa Meade e Merry Wiesner-Hanks, as mesmas afirmam que o estudo de gênero adquiriu maior visibilidade no campo historiográfico, através dos movimentos feministas que ocorreram em escala internacional (MEADE; WIESNER-HANKS, 2004: 01). Inseridas nessa perspectiva, as autoras se remetem aos trabalhos da historiadora norte-americana Joan Wallach Scott¹⁵². Segundo as especialistas Meade e Wiesner-Hanks que, a aproximadamente vinte e cinco anos, a especialista Joan Scott teria declarado que a História passou a interagir com os estudos de *gênero*. As referidas pesquisadoras se valem dos pensamentos de Scott para argumentarem que o *gênero* pode ser considerado uma das principais formas de relações de poder (MEADE; WIESNER-HANKS, 2004: 01-02).

No entanto, os trabalhos utilizados por Joan Scott para construir sua análise, eram na sua grande maioria enfocados na década de 1980, e estavam voltados para as mulheres do Oeste da Europa e dos Estados Unidos da América, e a luta das mesmas pela conquista/ampliação de seus direitos político-sociais (MEADE; WIESNER-HANKS, 2004: 02). Ainda que não aborde com demasiada ênfase a condição da mulher no Oriente, o trabalho de Scott foi de grande relevância historiográfica para o estudo de *gênero*, possibilitando que novas pesquisas fossem desenvolvidas no cenário acadêmico.

Robert Nye enfatizou que a História da Sexualidade seria um dos mais antigos ramos da História de Gênero, e teria surgido como uma forma de construcionismo social por volta de 1970 e 1980 (NYE, 2004: 11). Contudo, Nye esclareceu que, diferentemente da História de Gênero, a História da Sexualidade foi vista como um catálogo antropológico

¹⁵² Podemos citar como referência a obra *Feminism and History*, publicado pela Oxford e editado por Joan W. Scott.

de curiosidades, ou como uma forma de entretenimento pornográfico para as elites sociais (NYE, 2004: 11).

Uma das principais críticas construídas por Robert Nye foi o fato dos estudos sobre a sexualidade, em particular no Ocidente, permanecerem focados em uma relação binária entre os gêneros e o ato sexual. Tais fatores estariam atrelados ao advento do pensamento cristão e muçulmano que se desenvolveu na Europa, nas regiões banhadas pelo Mar Mediterrâneo, em algumas áreas da África Colonial e no Continente Americano como um todo (NYE, 2004: 15). Todavia, o referido estudioso nos pontua que devido a quebra dos tabus e regras sobre o desejo sexual da atualidade, o modelo heterossexual predominantemente ocidental se desestabilizou, permitindo uma maior liberação sexual e o rompimento com o padrão de ato sexual voltado, estritamente, para a procriação (NYE, 2004: 12-13).

O Prof. Nye ao refletir sobre os estudos desenvolvidos pelo filósofo e historiador francês Michel Foucault afirma que tais concepções culturais são construídas através de discursos políticos, religiosos, de crenças populares e científicas. Logo, essas variadas formas de manifestações de caráter lingüístico pretendem transmitir uma idéia de amor ideal e unidade familiar, ambos voltados para a legitimação do modelo de relações heterossexuais. Os pensamentos citados carregam em seu bojo a repulsa e o desgosto por qualquer tipo de transgressão a essa regra político-social pré-estabelecida. Como afirmou o especialista Robert Nye, Foucault teria argumentado que essas construções culturais implicariam em um *“jogo de poder”* (NYE, 2004: 13). Nye expôs que o objetivo de Michel Foucault era o de historicizar e desnaturalizar o sexo, fazendo com que o mesmo fosse compreendido como um produto final de táticas permanentes do poder e da política que atuam em nosso cotidiano (NYE, 2004: 13-14). Dessa forma, observamos que uma das propostas de Robert Nye, ao se valer dos estudos de Foucault, seria compreender o sexo

(e o intercuro sexual) como uma construção cultural, que se modifica de acordo com os interesses do poder político nas sociedades.

Ao longo do seu artigo, o autor explica como ocorria o relacionamento sexual entre os gêneros na Antiguidade. Em seguida, Robert Nye pontua como a sexualidade foi entendida no decorrer dos séculos, vinculando-a ao advento dos valores culturais do cristianismo no Mundo Antigo, indo ao Medievo e culminando na Contemporaneidade.

O pesquisador Robert Nye ao apresentar parte de seus estudos sobre a sexualidade na Grécia e na Roma Antiga, afirmou que o casamento e as relações de caráter heterossexuais estariam vinculados a um profundo sistema patriarcal que favorecia a viabilidade de herdeiros do sexo masculino. Logo, dentro desta visão era relegado as mulheres o papel de vassalas reprodutoras de cidadãos para *pólis* grega ou para a *urbs* romana (NYE, 2004: 13). Segundo o referido especialista, os homens mais abastados cumpriam suas obrigações conjugais, mas obtinham o prazer sexual em outros lugares, com prostitutas e homens jovens (NYE, 2004: 13). Entretanto, um rígido código de conduta sexual, baseado no conceito de penetração e de passividade/atividade durante a prática sexual se vinculava com um sistema hierárquico de gênero (NYE, 2004: 14). Na Grécia Antiga um homem adulto detinha o direito de penetrar um escravo, contudo, no que dizia respeito aos jovens, o cidadão não poderia privá-los de sua honra masculina, especialmente se esse fosse membro de uma família importante da Cidade-Estado (NYE, 2004: 14). Possivelmente, essas medidas de caráter constitucional foram empregadas para que os homens, provenientes dos segmentos abastados, não fossem equiparados a um indivíduo socialmente inferior, o qual era caracterizado por sua passividade de ações no âmbito da *pólis*.

Como ressaltou Robert Nye, o casamento nessas sociedades (grega e romana) eram acordos entre homens com a finalidade de produzirem herdeiros, para que assim a propriedade fosse transmitida a próxima geração de homens (NYE, 2004: 14). Devido à

aparente superioridade que o sexo masculino detinha, os cidadãos gregos e romanos exerciam o pleno direito legal e detinham o domínio material sobre todos os outros membros da sociedade: mulheres, escravos e menores (de idade). Nesse contexto político-social as mulheres eram vistas como inferiores, mantendo uma pequena autonomia e poucos direitos político-sociais (NYE, 2004: 14). Dessa maneira, podemos notar que a verdadeira forma de amor nessas sociedades acontecia entre indivíduos do mesmo sexo e detentores de uma representação político-social equiparada.

Seria ingênuo de nossa parte, enquanto historiadores, analisarmos a figura social da mulher como meramente secundária. O fato dos homens se valerem de suas filhas, ou dependentes, para estabelecerem relações políticas, exprime a importância do gênero feminino para a sociedade grega e romana. O estudo dessa atribuição facultada ao gênero feminino, junto aos homens naquilo que Foucault denominou como “*jogos de poder*”, tornou-se possível devido às modificações ocorridas na historiografia tradicional, assim permitindo a ampliação dos objetos de análise histórica. Nas palavras da Prof.^a Marieta Ferreira as novas formulações do “*saber historiográfico*”, possibilitando que indivíduos pertencentes aos segmentos sociais que estavam à margem das pesquisas históricas passassem a desempenhar um papel relevante no cerne da historiografia contemporânea (FERREIRA, 1992: 267).

Tendo em vista o processo de renovação historiográfica, ao qual Marieta Ferreira se remeteu, e atrelando-o aos trabalhos desenvolvidos por Robert Nye, sobre sexualidade e suas relações de poder entre os gêneros, podemos vinculá-los as modificações que os estudos sobre o Mundo Antigo também sofreram. Isso teria permitido que os historiadores lançassem olhares diferenciados aos seus objetos de análise científica, e no que tange as pesquisas sobre as práticas sexuais na Antiguidade, podemos verificar que a importância da mulher para os gregos e romanos, iria muito além da finalidade reprodutiva. Como sugeriu o Prof. Fábio de Souza Lessa, ao abordar o papel do gênero

feminino na *pólis* de Atenas, as mulheres seriam capazes de influenciar as ações dos homens no âmbito político da sociedade, ainda que elas não pudessem participar abertamente da vida pública (LESSA, 2000: 170-172).

Ao analisarmos o trabalho de Robert Nye, podemos concluir que o referido especialista pretendia abordar as modificações pelas quais a sexualidade teria perpassado ao longo do tempo. Interagindo com os pensamentos de Foucault e Marieta Ferreira, notamos que a partir do processo de renovação historiográfica, o qual ocorreu em meados do século XX, as relações entre os gêneros puderam romper com um viés no qual o feminino estaria subordinado ao masculino. No bojo dessa conjuntura evidenciamos que o Prof. Nye, ao se valer das “*relações de poder*” existentes entre os gêneros foi capaz de traçar uma linha cronológica cujo enfoque seria a maneira como a sexualidade se desenvolveu no imaginário social das sociedades humanas, desde a Antiguidade.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Nova “Velha História”: O Retorno da História Política*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, pp.265-271.

LESSA, Fábio de Souza. *Modelo Mélissa: Obediência ou Transgressão?* In: *Phoênix*, Rio de Janeiro, 6: 153-164, 2000.

MEADE, Teresa; WIESNER-HANKS, Merry. *Introduction*. In: *A Companion to Gender History*. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd., 2004.

NYE, Robert A. *Sexuality*. In: MEADE, Teresa; WIESNER-HANKS, Merry (ed.). *A Companion to Gender History*. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd., 2004.